

Brasil tem menor taxa da América Latina

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), reviu as projeções de crescimento para a região e fez uma triste constatação. O Brasil fechará 2005 como a economia com a menor taxa de expansão entre 28 países analisados, conforme antecipou o *Correio* há duas semanas, à frente apenas do Haiti, um país destruído pela corrupção política e mergulhado em uma guerra civil. A previsão é de que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro aumente, no máximo, 2,5%, contra elevação de 9% na Venezuela, de 8,6% na Argentina e de 6% no Peru e no Uruguai.

Para 2006, as estimativas não são muito diferentes. Nas contas da Cepal, o Brasil terá crescimento de apenas 3%, resultado superior apenas à expansão esperada para El Salvador, de 2,5%. O Brasil se ressentirá, sobretudo, do impacto das altas taxas de juros, que têm derrubado os investimentos produtivos, e da crise política, que inviabilizou a aprovação de importantes reformas para ampliar o potencial de aumento do PIB — algo como 5% ao ano. Com o pífio desempenho do Brasil e o menor ritmo de expansão do México, a América Latina encerrará este ano com crescimento médio de 4,3%, bem abaixo da taxa projetada para os demais países emergentes, de quase 6%.

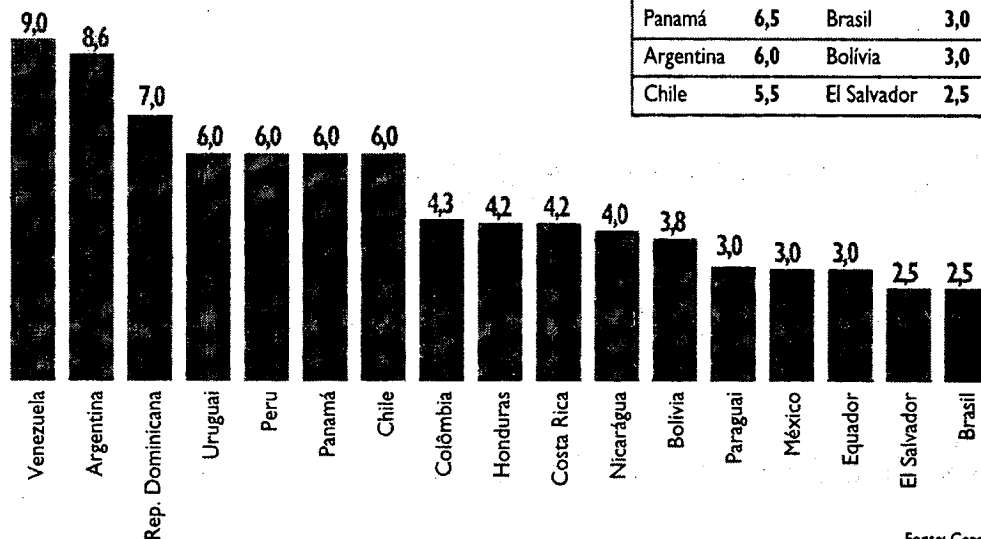
Desemprego

Esses números, porém, não minimizam os resultados colhidos pela região, disse José Luis Machinea, secretário-executivo da

O LUGAR DE CADA UM

Crescimento do Produto Interno Bruto em países da América Latina e do Caribe em 2005

Em % ao ano



Fonte: Cepal

Cepal. Este será o terceiro ano consecutivo de crescimento da América Latina e do Caribe. É o melhor desempenho dos últimos 20 anos, que permitiu significativa redução da pobreza. O número de miseráveis na região diminuiu de 44% para 40,6% do total da população entre 2002 e 2005. Somente neste ano, a renda per capita — a soma de riquezas dividida pela população — cresceu 3%. Também em 2005, a taxa de desemprego recuou, de 10,3% para 9,3%. Aproximadamente 5,6 milhões de pessoas foram incorporadas ao mercado de trabalho.

Segundo Machinea, caso se confirme crescimento médio de

4,1% para a região no ano que vem, entre 2003 e 2006 a renda per capita terá subido 11%. "São números expressivos. Mas não se pode ignorar que a América Latina e o Caribe estão crescendo menos que o conjunto dos países em desenvolvimento", afirmou. Ele destacou ainda que os governos precisam trabalhar com afinco para transformar a região em um ator de relevância em um mundo crescentemente competitivo, por meio do aumento dos investimentos. "Crescer a taxas mais altas, um requisito indispensável para reduzir os índices de desemprego mais rapidamente, exige um aumento de vários pontos nas taxas de investimento."

Dívida menor

O lado bom do crescimento da América Latina é que ele está aliado a um forte ajuste nas contas externas e nas contas públicas, algo sem precedentes na região. Estima-se que o saldo em transações correntes (comércio, pagamento de juros e transferências de recursos para os países de origem de trabalhadores que vivem no exterior) feche 2005 em 1,3% do PIB, reduzindo a vulnerabilidade a choques externos. Do lado fiscal, a manutenção de superávits primários (receitas menos despesas sem levar em conta o pagamento de juros) consistentes está permitindo a redução do endividamento público. (VN)